

FMS CPT Gen

BIBLIOTECA

Journal

*Journal da Bahia*

Data

26.02.93

Caderno

Cidade

Página

5

Seção

Assunto

*Habitacões*



Fotos: Valtier Pontes

Crianças brincam em meio aos trapos: fome e perigo

# SALVADOR VIRA GRANDE FAVELA

## NO DIA DE LUTA PELA MORADIA, FAVELADOS ENCOSTAM LÍDICE NA PAREDE

Ontem, Dia Nacional de Luta pela Moradia, os favelados bateram à porta da prefeitura. Querem, do poder municipal, não apenas um programa de urbanização que amenize a dramática condição de habitabilidade das áreas carentes da cidade, mas também um plano imediato que possibilite a construção de moradias para os favelados de Salvador, que já somam 1 milhão e 200 mil, como garantem as estatísticas do MDF — Movimento de Defesa dos Favelados. O número dos que vagam sem ter onde morar — os "sem-teto" de Salvador — já ultrapassa a casa dos 300 mil, conforme dados fornecidos pela

mesma entidade.

De posse de um documento recheado de boas propostas, coordenadores do MDF e dez representantes das 18 comunidades que agregam, subiram as escadarias da prefeitura na esperança de que fossem aceitos e bem acolhidos pela prefeita Lídice da Mata. A manifestação prevista para acontecer em frente ao Palácio Thomé de Souza não foi realizada porque, depois do Carnaval, ficou difícil mobilizar o mar de favelados espalhados pela cidade. O coordenador de política e imprensa do MDF, Antonio Aldebaran, disse que entre as diversas propostas apresentadas no documento,

a mais importante é a que prevê um plano de ação imediata para a urbanização das favelas e a construção de moradias subsidiadas, a exemplo dos programas executados com êxito em São Paulo e Rio Grande do Sul.

Segundo Aldebaran, o MDF propõe uma ação conjunta da prefeitura com as comunidades, que participariam, em esquema de mutirão, desde a elaboração à execução do projeto. A proposta dos favelados de Salvador chega exatamente numa hora em que as atenções se voltam para o grave problema de moradia no Brasil. A Campanha da Fraternidade lançada na Quarta-feira de Cinzas pela

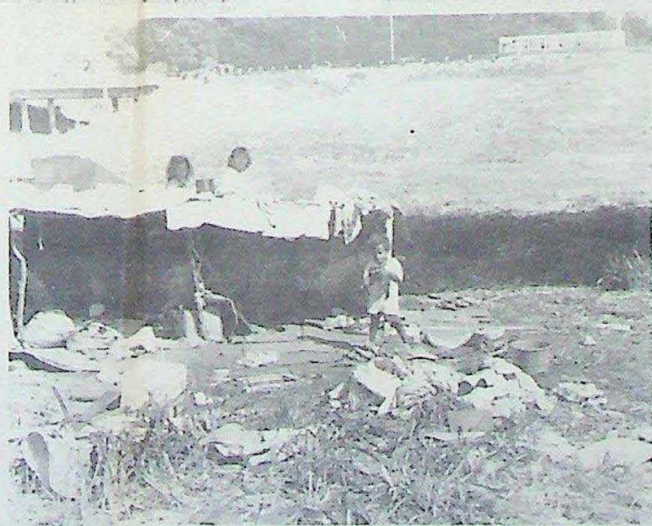
Igreja Católica, escolheu o mesmo tema para nortear as reflexões do ano de 93: "Onde Moras?"

O cardeal dom Lucas Neves lembrou que a Igreja não poderia permanecer calada diante de um déficit habitacional de 12 milhões em todo o país. O que significa dizer que quase metade dos brasileiros não tem onde morar. Ao descer as escadarias da prefeitura, os favelados não se mostraram muito satisfeitos com a acolhida de Lídice da Mata. A prefeita recebeu a comissão, ouviu as reivindicações — depois discursou em tom retórico. Na verdade, evitou selar qualquer tipo de compromisso.

## SEM-TETO TEM VIDA MISERÁVEL

Maria Tereza Oliveira de Melo tem 36 anos. O seu aspecto é de uma mulher que já avançou dos 50 anos. Mãe de oito filhos, todos menores, ela ainda cria mais dois netos, filhos da sua primogênita, uma garota de 18 anos, mãe solteira. A prole avantajada não seria "per si" um drama, se Maria Tereza não estivesse na miserável classificação dos "sem-tetos". Ela mora debaixo da ponte com a sua família de pequeninos e adolescentes. O seu "endereço" fica ali, no viaduto que faz ligação com o acesso Norte, próximo à Rótula do Abacaxi.

Nua ou maltrapilha, a criança de Maria Tereza corre inocente pelo campo aberto que cerca o viaduto, brincando perigosamente com cacos de vidros, facas enferrujadas, latas velhas ou sob a gigantesca tubulação da Embasa que passa por cima de um mal cheiroso e contaminado "rio das tripas". Os "trapos" da família ficam espalhados dentro e fora do barraco, improvisado com papelões e plásticos. Paredes velhas, encardidas e vazias, se misturam a



Família sob o viaduto: um drama comum

panos emprestáveis, pedaços de espelhos e outras bugigangas inúteis. Indolente, com ar doentio, Maria Tereza parece sequer perceber o perigo que ronda a sua prole. Nem mesmo quando, nus e saltitantes, eles brincam de atravessar a pista, correndo o risco de serem atropelados.

A família Melo é pernambucana. Do alto sertão. Um lugar

rejo chamado São José de Itaquera, onde a fome e o desemprego assolam. Desesperada, Maria Tereza juntou trapos e filhos e rumou para a Bahia, em busca de dias melhores. Não encontrou. Há oito dias, depois de vagar pela cidade, ela decidiu "fixar residência" debaixo do viaduto. Nenhum dinheiro. Os filhos maiores passam o dia ron-

dando casas e botecos das vizinhanças em busca de alimento que mate a fome da família. As filhas de 15 e de 18 até procuraram emprego de faxineira. Bateram em portas que se fecharam tão logo foram abertas.

Ontem, Dia Nacional de Luta pela Moradia, a família Melo além do teto, não tinha também pão. "Hoje a meninada tá com o bucho vazio. Não achamos uma alma sequer que mandasse um pouco de comida", disse Tereza, sem esconder o desgosto. E a fome. Mais escandaloso que isso é saber que essa família de miseráveis, foi roubada na noite de Quarta-Feira de Cinzas, enquanto dormia sob o teto de papelões. Levaram além de velhas panelas, uma lata de óleo e um pedaço de carne, conseguindo a duras penas e reservados com extremo zelo para saciar a fome do dia seguinte. Depois de tanta amargura, tudo o que Maria Tereza quer é voltar. Não para o sertão, mas para Aracaju. "Quem sabe lá a coisa não está melhor", se ilude. Mas para o amargo regresso falta o dinheiro das passagens.